

A CONTRIBUIÇÃO EDUCACIONAL DOS JESUÍTAS EM TIMOR-LESTE

THE EDUCATIONAL CONTRIBUTION OF JESUITS IN TIMOR-LESTE

Márcia V. Cavalcante

Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.

Submetido: 30 de maio de 2017
Aceito: 15 de setembro de 2017
Publicado: 17 de novembro de 2017

A CONTRIBUIÇÃO EDUCACIONAL DOS JESUÍTAS EM TIMOR-LESTE

Márcia V. Cavalcante¹

Resumo: Os jesuítas se fixaram em Timor-Leste em 1889, quando Timor ainda pertencia à diocese de Macau. Antes da chegada dos jesuítas, a principal participação católica naquele território era dos dominicanos. Neste trabalho, pretende-se, portanto, historicizar a participação da “Companhia de Jesus” na educação escolar de Timor-Leste durante o período colonial português, especialmente no que diz respeito às contribuições para a sociedade timorense a partir de sua atuação no Colégio de Soibada, fundado no ano da sua chegada. Serão abordados ainda os aspectos socioculturais relacionados à metodologia e aos materiais utilizados por esses missionários na educação escolar timorense. Destacaremos também as principais obras por eles elaboradas sobre a língua tétum e a relação desses materiais com o ensino da língua portuguesa, ressaltando seus objetivos e contributos, especialmente no que diz respeito à escrita da língua tétum. Sempre que necessário, serão correlacionados alguns fatos históricos que de algum modo ajudem a entender a atuação jesuítica em contexto timorense.

Palavras-chave: Educação Jesuítica, Sociedade timorense, língua tétum.

THE EDUCATIONAL CONTRIBUTION OF JESUITS IN TIMOR-LESTE

Abstract: The Jesuits settled in Timor-Leste in 1889, when Timor still belonged to the diocese of Macao. Before the arrival of the Jesuits, the main Catholic participation in that territory was of the Dominicans. Therefore, the purpose of this paper is to historicize the participation of the “Society of Jesus” in school education in East Timor during the Portuguese colonial period, especially with regard to the contributions to Timorese society that worked in the School of Soibada, founded in Year of their arrival. The socio-cultural aspects related to the methodology and materials used by these missionaries in East Timorese school education will also be discussed. We will also relate the main works elaborated by them on the Tetum language and the relation of these materials to the teaching of the Portuguese language, highlighting their objectives and contributions, especially with regard to the writing of the Tetum language.

Keywords: Jesuit Education, Timorese Society, Tetum language.

¹ Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.
<https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.2.94>

CHEGADA DOS JESUÍTAS EM TIMOR-LESTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES EDUCACIONAIS

Foi me ensinado primeiro a catequese em Tétum, depois o hino nacional em Português e finalmente algumas canções sacras em latim. As palavras na cartilha, r-o-ro-l-a-la e dizia *lakateu* em tétum porque era o *lakateu* que lá estava configurado. Era o *lakateu* que eu guardava na minha cabeça e no meu bolso, apanhado em perseguições dolorosas na altura das chuvadas, e que de asas molhadas e cansadas desistia facilmente. G-a-gal-o-lo e dizia *manu-aman* em tétum porque era o *manu-aman* que estava pintado sem as cores festivas das lutas de galo aos domingos no bazar. (Cardoso, 2010, p. 33).

A companhia de Jesus não foi a primeira a chegar em Timor-Leste, os dominicanos já lá estavam quando estes chegaram, tendo inicialmente, pontos de conflitos entre as duas ordens, pois os dominicanos consideravam que ali era seu espaço exclusivo, não cabendo nenhuma outra ordem católica. Uma das estratégias utilizadas pelos missionários católicos naquela região era primeiramente converter os *liurai* (palavra em tétum para denominar os reis de cada um dos reinos timorenses) para que assim, estes convencessem a população geral à doutrina cristã. Em 03 de dezembro de 1559, o superior da Comunidade jesuítica em Malaca, Padre Baltheser Diaz (Sá, 1955) numa carta dirigida ao Provincial da Índia, descrevia a ilha de Timor, da seguinte forma:

A gente de Timor he a mais besta gente que há nestas partes. A nenhuma cousa adorão, nem tem idolos; tudo quanto lhe dizem os portugueses, fazem. A língoa desta gente dizem ser muita curta, conforme em algumas cousas com a malaia.

Apesar desta perspectiva em relação à facilidade da conversão dos timorenses ao cristianismo, isso foi algo que aconteceu processualmente ao longo dos séculos de colonização e sempre paralela à manutenção do animismo ali presente, o que permanece até os dias atuais. É possível perceber ainda a partir do excerto desta carta, a preponderância do tom etnocêntrico típico do colonizador, como se além de tudo houvesse um amplo conhecimento sobre os timorenses, mas ao contrário a isso, destaca a sua própria ignorância, a começar por taxar os habitantes de Timor de “bestas” e que

não tinham resistência alguma ao colonizador, quando na verdade, o que a história mostra é que uma das características mais marcantes entre os timorenses é exatamente a resistência. Prova disso é a preservação de vários aspectos das culturas animistas, a preservação das línguas locais – atualmente cerca de 16 línguas em uso nas diversas regiões do país² – sem falar na resistência que demonstraram durante os longos e duros anos de luta contra a invasão indonésia em três frentes estratégicas: frente clandestina – timorenses infiltrados entre os indonésios, fingindo estarem de acordo com o inimigo para assim ficarem a par das armadilhas por eles planejadas; frente armada – homens e mulheres que se tornaram guerrilheiros e que se refugiaram nas diversas montanhas de Timor-Leste, lutando contra os invasores e havia ainda a frente diplomática, formada por timorenses que se articulavam fora do país no sentido de denunciar e sensibilizar a comunidade internacional a respeito do que estava ocorrendo em detrimento do domínio indonésio.

É interessante atentar ainda para o fato de que o padre Baltheser Diaz destaca apenas uma língua, a qual ele denomina como uma “língua muito curta”. Fica a indagação de que língua seria esta, considerando o multilinguismo ali presente. Pela importância que o tétum foi tendo ao longo dos anos, provavelmente seria esta a língua por ele mencionada. Salientando que naquela época, ainda era uma língua ágrafa e que posteriormente foi sistematizada e grafada pelos missionários católicos, o que contribuiu para que atualmente ocupe o status de língua co-oficial, dando assim o destaque a este país como a única das ex-colônias de Portugal a ter uma língua local partilhando sua oficialidade junto à língua portuguesa, fato que tem sido de grande importância para reafirmação de uma identidade timorense no processo pós independência.

Este etnocentrismo colonialista se prolongou por todo período de domínio português em Timor-Leste, marcando fortemente o processo educacional, como veremos ao longo deste trabalho. Obviamente, isso não ameniza a sua contribuição para a educação escolar timorense, especialmente no que diz respeito à missão jesuítica, ainda que só no século XIX inicia sua missão naquele território.

² A questão dos números de línguas atuais ainda é bastante questionado, há discussões que o número pode chegar a 30 diferentes idiomas locais, além de vários dialetos.

De acordo com Thomaz (2002, p. 137) em 1738, houve a tentativa da introdução da Companhia de Jesus no território timorense, porém devido a ser um momento de decadência das missões católicas em Timor, isso não foi possível. Em 1834 já haviam sido extintos os seminários e conventos dos dominicanos, com isso também houve todo um retrocesso na educação escolar por eles iniciada. No governo de Afonso de Castro (1859-1863) foi criado um colégio para os filhos de *liurais*, período também em que as madres canossianas abriram escolas para atender às jovens timorenses, mesmo que para isso tenha sido necessária uma campanha de persuasão do bispo junto aos *liurais*, que não estavam de acordo com a ideia de uma educação escolar para as mulheres (Thomaz, 2002). Nesse momento ainda não havia a instalação da missão jesuítica naquele território.

MISSÃO EDUCACIONAL JESUÍTICA EM TIMOR-LESTE E O COLÉGIO NUNO ÁLVARES PEREIRA³ - COLÉGIO DE SOIBADA

O governo de José Celestino da Silva (1894-1908), foi marcado pela diminuição do poder dos *liurais*, pois ficaram submetidos a uma administração burocrática de tipo colonial. Nesta época Timor-Leste estava sob a jurisdição da diocese de Macau, já havendo ali seminários e escolas, construídos principalmente pelos missionários dominicanos, porém o marco histórico na educação escolar timorense acontece com a chegada dos jesuítas para missão no reino de Samoro em 1889 e a abertura do Colégio Nuno Álvares Pereira ou simplesmente Colégio de Soibada – como é mais popularmente conhecido (Belo, 2010). Construído a 130 km da região central do país, teve como principal patrocinador para sua construção o régulo de Samoro D. André Doutel Sarmiento. Thomaz (2006, p. 44) descreve o colégio da seguinte forma: “é um casarão conventual, vasto, bem caiado, encaixado a meia-encosta na falta

³ O Colégio recebeu este nome em homenagem ao português D. Nuno Álvares Pereira, venerado e canonizado como S. Nuno de Santa Maria, de Bonjardim, localização do Colégio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bonjardim, onde estudou o Pe. Sebastião M. Aparício. Recuperado em 16 junho, 2017 de http://www.historyanthropologytimor.org/wp-content/uploads/2012/01/SILVA_Sebastiao_Aparicio_F-D-Rosa_2011.pdf

da montanha. Visto ao pé parece enorme, de longe é um ponto apenas, um ínfimo ponto branco na imensidão verde do mato”.

Esse importante Colégio tinha como objetivos a formação de professores-catequistas, bem como a catequização e alfabetização da população timorense ou pelo menos de uma pequena minoria da população. Em 1902 foi inaugurada, a parte residencial do colégio, a qual serviria para moradia de estudantes internos e que começou a funcionar com 12 alunos. Em seguida houve também a inauguração do colégio Imaculada da Conceição, direcionado para as meninas e que teria as madres canossianas como parceiras efetivas neste trabalho. No ano seguinte à inauguração o Colégio, que antes tivera uma cobertura de palha, já possuía uma cobertura de zinco e o número de meninos atingira 70, enquanto o colégio feminino tinha 30 meninas. Este número de alunos foi crescendo ao longo dos anos, entre 1905/1906 já havia cerca de 120 estudantes, sendo 50% deles internos. Com a intenção de tornar a missão autossustentável financeiramente, os jesuítas montaram oficinas de carpinteiro, pedreiro, de olaria, uma fábrica de sabão e uma de tecelagem. Os tecidos produzidos eram utilizados para a confecção das vestimentas dos estudantes e o sabão era utilizado na sua lavagem das roupas dos alunos dos dois colégios, além disso desenvolviam trabalhos agrícolas, como o cultivo de hortas e arrozais (Belo, *ibid*).

Essas estratégias utilizadas pelos jesuítas à medida que iam se concretizando, iam também delineando o próprio currículo escolar dos dois colégios, havendo distinção entre o que era ensinado para as meninas e para os meninos. Figueiredo (2004) faz uma breve descrição do que era ensinado em cada um dos Colégios:

os alunos ao mesmo tempo que frequentavam a escola [Colégio para meninos], onde se lhes ensinava a ler, a escrever, a contar, a falar o português, contabilidade, doutrina crista e os princípios da moral e da educação cívica, aprendiam também os ofícios de carpinteiro, pedreiro e oleiro, e trabalhavam nas tarefas de manutenção da missão e na fábrica de sabão ali existente durante algum tempo .

[...] Às raparigas ali aprendiam a instrução primária [Colégio para meninas]: ler, escrever, contar e música; e tarefas ligadas ao serviço doméstico: coser à mão e à máquina, fazer meia, rendas, bordar, talhar roupa, lavar e engomar, etc. Mais tarde, a montagem de uma secção de tecelagem permitia-lhes confeccionar panos e fabricar as suas roupas e as que os rapazes do colégio vizinho vestiam. (Figueiredo, 2004, p. 499).

Pode-se perceber que o currículo consistia em ensinar a ler, escrever e a contar e à aprendizagem de atividades práticas ou profissões que se diferenciavam entre o que para eles era mais apropriado para os meninos e para as meninas. É notável perceber também que a educação jesuítica consistia no que referimos atualmente como uma educação tradicional. O fato do Colégio ter sido construído distante da capital, em um lugar bastante isolado e de difícil acesso⁴ com grande parte dos alunos em regime de internato e com uma vigilância constante, condiz totalmente com o modelo da educação tipicamente jesuítica. Nas palavras de Boto (1996, p. 48) “nesse movimento de formação da criança pautado por isolamento rigoroso e vigilância intermitente, havia, um mundo da pedagogia, que paulatinamente ia se construindo por exclusão do contato com o mundo exterior”. De fato, era criado um mundo à parte, onde as regras e um investimento em relação à civilidade estavam intrinsicamente presentes no dia a dia dos estudantes timorenses, inclusive no que dizia respeito aos cuidados com o corpo e às boas maneiras, continuando assim a mesma linha de pensamento da civilidade de Erasmo, como afirma Petitat (1994, p. 83): “Neste universo pedagógico, a forma de doutrinação é tão importante quando os conteúdos inculcados”. Além disso é claro que havia um ensino voltado para normas de etiquetas de como se portar à mesa, de como falar em público e outros aspectos relacionados ao comportamento desses alunos.

Além dessas regras, do isolamento e de toda a doutrinação presente, o ensino nos colégios jesuítas era descontextualizado com as questões culturais locais e ignorava os saberes dos estudantes timorenses, obviamente na intenção de implementar um certo nacionalismo português. Um exemplo disso era o fato dos materiais didáticos utilizados serem todos levados de Portugal, sendo assim, a geografia e a história ensinadas não tinham nenhuma relação com o território timorense e tão pouco com os interesses dos alunos. Em relação a este aspecto do ensino jesuíta Boto (ibid, p. 49) destaca: “Nada do que despertava o gosto e a atração do aluno poderia ser valorizado pela pedagogia da Companhia de Jesus”.

⁴ A viagem de Dili até Soibada na época poderia durar entre 1 a 3 dias (Thomas, 2008).

Obviamente os conteúdos estudados nos colégios jesuítas em Timor-Leste eram totalmente relacionados ao contexto português, inclusive no que dizia respeito à história e à geografia, como denuncia Mattoso:

os professores da disciplina de Geografia, que nada diziam sobre Timor, mas obrigavam a decorar os nomes de rios, montes e cidades de Portugal, e da disciplina de História, baseada nos nomes e cognomes de reis que nada sabiam da terra tão longínqua. (Mattoso, 2012, p. 47).

Algumas vezes houve equivocadas tentativas de adaptação entre textos de livros portugueses para àquele contexto tão distinto, estes escritos mal ajustados, chegavam a ser grotescos, como é o caso do excerto abaixo, presente em um livro de leitura oficialmente aprovado para o ciclo preparatório:

Timor, ilha de picos imensos (...), onde se destacam os picos corados de neve, as encostas floridas, as fitas azuis dos rios, (...). Tata-mai-lau, o pico mais alto do Império Português, com seus 3000 metros de altura, leva mais de dois dias a trepar. No alto assomam as neves. (Thomaz, 2012, pp. 53-54).

O disparate começa ao destacar os picos corados de neve, quando na verdade nunca se viu neve em Timor; “as fitas azuis dos rios”, sendo que naquele território há apenas ribeiras e nenhum rio perene; já em relação ao Tata-mai-lau (ou monte Hamelau), pode se chegar ao seu topo em apenas algumas horas. Diante dessas e de tantas outras inapropriações ao longo dos anos desse tipo de educação escolar, já próximo à independência de Timor-Leste em relação a Portugal, os líderes timorenses Konis Santana e Domingos Doutel, redigiram um documento, contra o ensino colonial português, criticando os professores de ensino de geografia e história no período colonial português (Mattoso, 2012).

Evidentemente, textos desta natureza eram comuns em todo o ensino colonial. Outro aspecto que precisa ser ressaltado aqui é o fato de que, ainda que não mencionado, na citação anterior sobre os currículos no colégio dos meninos e das meninas em Soibada, é possível afirmar que o ensino da língua portuguesa e da doutrina cristã fazia parte dos ensinamentos dos dois Colégios, aliás, a língua portuguesa era a única língua permitida a ser utilizada na educação escolar daquele período, inclusive recebendo punições quem ousasse falar em suas línguas maternas. O trecho abaixo, extraído do belíssimo romance

autobiográfico *Crônicas de uma Travessia*, do timorense Luís Cardoso, apresenta um relato que serve de ilustração para se perceber o local isolado onde foi estabelecido o Colégio, bem para que se compreenda como eram aplicadas as sanções pelos “guardas linguísticos” em Soibada:

Embora a escola fosse um local erigido no meio daquelas colinas, como um altar de sabedoria, com gente oriunda de diversas etnias e falantes de diferentes idiomas, o português era obrigatório, e sancionado com reguadas quem transgredisse essa norma. O efeito da mandioca seca ou da reguada era fustigante mas eficaz. Durante o dia a palmatória circulava de mão em mão através de sentinelas, ou guardas linguísticos, por vezes armavam ciladas como forma de se livrarem rapidamente do testemunho. (Cardoso, 2010, p. 47).

Por um lado as línguas locais e a forte presença das narrativas e poesias presentes na oralidade dessas línguas eram completamente ignoradas nos Colégios, por outro lado, a Companhia de Jesus tinha a preocupação em aprender tanto as línguas locais, como também tinham interesse em obter o máximo de informações sobre aspectos da cultura oral local, considerando é claro, a intrínseca relação entre o sagrado e às atividades do cotidiano, comuns às sociedades de tradição oral, o que evidentemente passava a ter relevância para os jesuítas, já que esses aspectos eram fundamentais para viabilizar a aproximação com os timorenses, como meio para o processo de catequização. A partir desse interesse dos jesuítas a respeito desses fortes elementos presentes naquele contexto cultural, eles elaboraram e publicaram, além de diversos livros religiosos, o primeiro dicionário da língua tétum. Sendo este bilíngue português-tétum (imagem abaixo). Escrito pelo Pe. jesuíta Sebastião Maria Aparício da Silva o qual integrou a primeira geração de missionários do Colégio das Missões de Sernache do Bonjardim e que foi pela primeira vez trabalhar no Timor Português no ano de 1877. A publicação do dicionário acontece posteriormente, em 1889, quando o sacerdote passa a integrar a Companhia de Jesus naquela Colônia e atua como superior da missão jesuítica em Soibada, em parceria com o padre Manuel Fernandes Ferreira – professor e prefeito do Colégio – quem posteriormente publicou *Resumo da História Sagrada em Português e em Tétum para uso das Crianças de Timor* (1908) e o *Catecismo em Tétum* (1939).

O *Dicionário de Portuguez-Tetum* foi idealizado primeiramente pelo Exmo. Revmo. Sr. D. Antonio Joaquim de Medeiros, então Bispo de Macau, quem também viabilizou a publicação da obra, colocando à disposição do Pe. Aparício a tipografia do Seminário São José⁵. No prólogo da obra pode-se ler o relato do autor a respeito do processo de elaboração:

Porquanto, sendo S. Exa. Revma. Superior e Vigário Geral de Timor e eu um dos seus súbditos, foi elle quem primeiro teve a ideia de que se publicasse este trabalho, movendo-me desde o principio a pensar em o fazer logo que podesse, não só quando eu tinha apenas alguns apontamentos feitos para meu uso particular a fim de melhor poder cumprir as obrigações de missionário (Silva, 1889).

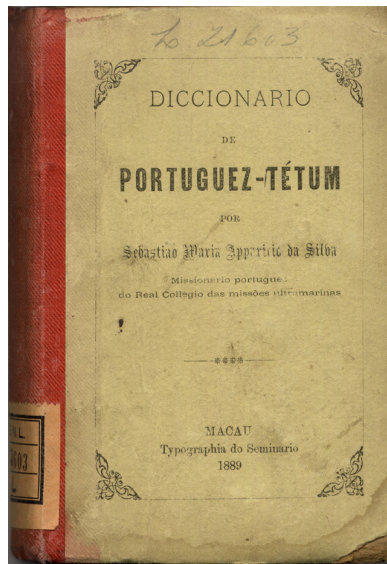


Figura 01: capa do dicionário Portuguez-Tetum (1889).

⁵ Este importante colégio jesuíta foi o único estabelecimento a continuar com seus ensinamentos em língua portuguesa durante o domínio indonésio.

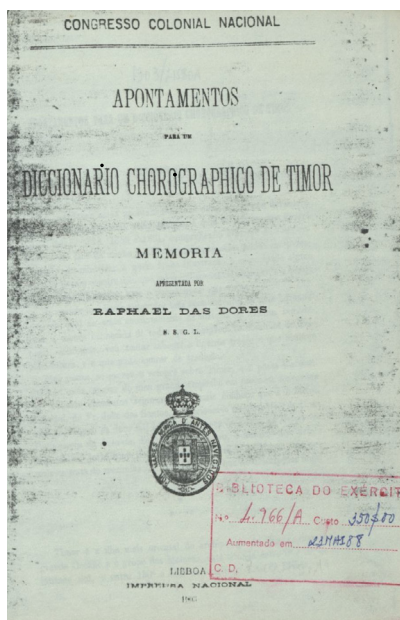


Figura 02: capa do dicionário Chorographico de Timor, de 1903.

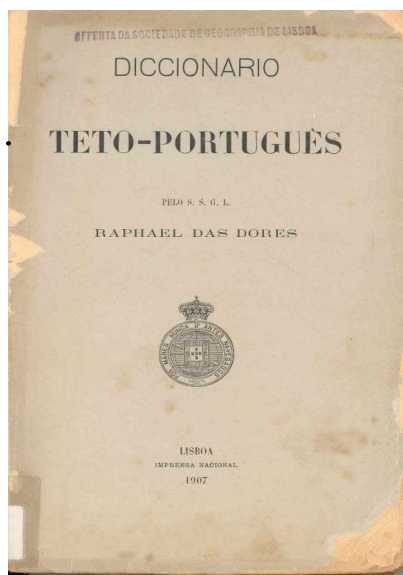


Figura 03: capa do dicionário Teto-Portugues, de 1907.

Em 1903 Pe. Raphael das Dores⁶ publica o *Diccionario Chorographico de Timor* e em 1907, o Dicionário Teto-Português (figuras abaixo), destinado aos funcionários públicos e aos missionários portugueses que trabalhavam em Timor, visando assim que estes aprendessem pelo menos um idioma local. Nesta obra o autor denomina o tétum não mais como dialeto, mas sim como língua. O autor começa a fazer suas anotações sobre o tétum em 1871 e continua seus escritos ao longo dos anos com idas e vindas àquele território, no qual também residiu por vários anos. Com seus escritos já bem encaminhados, toma conhecimento do dicionário do Pe. Aparício, e logo pensa em desistir de publicar seu dicionário, porém começa a fazer estudos comparativos e percebe que além de haver algumas divergências, havia outras contribuições na sua obra. Utiliza portanto o *Diccionario Portuguez–Tetum* para além de fazer comparações com os seus escritos, divergir em alguns aspectos, como por exemplo a própria nomenclatura do idioma tétum – forma que se manteve – registrada pelo Pe. Aparício, que para ele deveria ser nomeado como “Teto”. Na sua análise percebe também que há nessa obra bem mais registros de palavras em língua portuguesa em comparação às suas anotações feitas anteriormente: *comecei de fazer um estudo comparativo com o Diccionario Portuguez–Tetum do Sr. Padre Sebastião, encontrei uma immensidade de palavras portuguesas introduzidas no mesmo: mais de mil além das que existiam em 1873* (Dores, 1907).

É natural que ao longo do tempo tenha havido os acréscimos dos vocábulos de língua portuguesa a esse idioma, fato que contribuiu para o seu fortalecimento. No período da ocupação indonésia, houve uma retomada nos investimentos da igreja católica em utilizar o tétum nas missas e em traduzir materiais litúrgicos, como forma de resistência à agressiva imposição do uso do bahasa indonésio. Juntamente ao português, o tétum foi a língua mais utilizada nas comunicações entre os timorenses das diferentes regiões do país⁷.

⁶ Não foi possível obter informação a respeito da ordem a qual pertencia o Pe. Raphael das Dores.

⁷ No período em que vivi em Timor-Leste pude ouvir vários depoimentos de timorenses que aprenderam o tétum nesse período, pois além dos investimentos da Igreja Católica em relação a esta língua, devido à guerra, os timorenses tinham que se deslocar da sua região para se refugiarem em locais onde havia pessoas oriundas de várias regiões do país e como nesse idioma há palavras que estão presentes em várias outras línguas locais, aos poucos iam aprendendo entre si, tornando-se assim o tétum forte fator de unidade nacional.

Consequentemente, aos poucos, vocábulos do bahasa indonésio também foram sendo agregados, bem como posteriormente palavras oriunda do inglês, idioma que tem ganhado cada vez mais espaço entre os jovens timorenses. Evidentemente pela influência australiana no país.

Com o fortalecimento do tétum e sua oficialização, em 2004 foi publicado o *Matadalan Ortográfiku ba Tétum Praça - um prontuário para o Tétum* – no intuito de que haja uma padronização ortográfica desse idioma, porém a normatização ortográfica do tétum continua sendo um grande desafio. A Lei de Bases da Educação (2008)⁸ determina o tétum como língua de ensino junto ao português. É incontestável portanto, que mesmo que a intenção dos jesuítas ao estudarem e registrarem este idioma não era seu fortalecimento, suas ações foram de grande contribuição para sua solidificação, ainda que bem posteriormente. É claro que não pode-se ignorar também toda a confusão e as dificuldades de aprendizagem dos timorenses nos colégios jesuítas do período colonial, em detrimento da não utilização do tétum nem de outras línguas locais na educação escolar, senão do português em quase todos os conteúdos e do latim em cantos e rezas, como denuncia a epígrafe deste texto. O uso do latim em detrimento das línguas dos estudantes foi uma das críticas feitas por Rousseau no seu discurso sobre as ciências e as artes⁹: “Vossos filhos ignoram a própria língua, mas falarão outras que em lugar algum se usam”.

Mesmo não priorizando as línguas locais e considerando ainda toda a falta de contextualização do ensino jesuítico em Timor-Leste, é indiscutível o seu importante papel na educação escolar dos timorenses. O Colégio de Soibada aumentava a cada ano o número de alunos oriundos das várias regiões do país. De acordo com Belo (*ibid.*), em 1905-1906 os dois colégios – feminino e masculino – já possuíam 120 alunos entre internos e externos, 4 anos depois havia 76 meninos e 62 meninas internas, os quais tiveram que interromper repentinamente seus estudos quando em 1910 aconteceu a Proclamação da República em Portugal. Com este marcante fato histórico foram promulgados os decretos que ordenavam a expulsão da Companhia de Jesus, encerrando assim,

⁸ Recuperado em 10 março, 2013 de <http://pt.scribd.com/doc/13854265/Lei-de-Bases-da-Educacao-2008>.

⁹ Rousseau, 1973, p. 335.

dentre outras instituições eclesiásticas, os colégios jesuítas. Ao mesmo tempo, se tornou proibido o ensino da doutrina cristã nas escolas primárias¹⁰, havendo obviamente, uma repercussão direta nas colônias. Belo (*op. cit.*) explica como se deu o cumprimento do Decreto relacionado à expulsão dos jesuítas do território timorense:

seguindo as determinações de Lisboa, Carrazeda de Sousa, comunicou, no dia 23, aos Jesuítas e às Freiras Canossianas que deveriam deixar a Colônia de Timor. E, baseando-se no Decreto de 8 de Outubro de 1910, publicado pelo Governo Provisório da República, sobre as congregações religiosas, o Governo da Província de Timor publicava também um Decreto de 31 de Dezembro de 1910, segundo o qual o Estado se apropriava dos edifícios utilizados pelos Jesuítas e Religiosas Canossianas: Em Dili, o edifício do Colégio de São José, a escola de Bidau (transformada em Enfermaria), a Casa de Malua; em Soibada, o edifício do Colégio masculino, a residência missionária, a igreja e o Colégio feminino da Imaculada Conceição. Julgando-se possuidor desses imóveis, o governo provincial arrolava tudo o que estava dentro.

Com a expulsão da Companhia de Jesus de Timor-Leste e a redução do clero naquele território, a educação escolar foi quase que totalmente interrompida e somente em 1915 (Tomaz, 2012, p. 406), foi criada a primeira escola primária governamental. A saída obrigatória dos jesuítas aumentou a insatisfação dos timorenses em relação a Portugal, sendo portanto um dentre vários motivos que fomentou o início de uma importante revolta dos liurai timorenses contra o regime português, denominada de Revolta de Manufahi em 1911¹¹.

Em seguida à expulsão dos jesuítas, após 10 anos de missão em Soibada, o governo se apoderou dos prédios e mandou retirar todos os móveis que havia no Colégio dos meninos, ao mesmo tempo que o comandante militar se aposentou do colégio das meninas. Já a residência dos jesuítas foi ocupada por padres seculares que logo começaram a dar aulas para alguns alunos do colégio. As alunas internas do Colégio das meninas tiveram que retornar as suas casas e as que não tinham família, foram distribuídas entre algumas famílias de Soibada (Belo, *ibidem.*). Mesmo com a presença de poucos padres seculares, aos poucos

¹⁰ Recuperado em 21 junho, 2017 de <http://www.arqnet.pt/Portugal/liberalism/lib1910.html>.

¹¹ Para saber mais sobre a revolta de Manufahi consultar Durand (2009) *História de Timor-Leste: da Pré-História à actualidade*. Lisboa: Lidel.

as atividades do Colégio Nuno Alvares Pereira foram sendo reestabelecidas, continuando com a língua portuguesa como a única língua de ensino. Somente durante o Governo de Filomeno da Câmara Melo Cabral (1910-1917), houve a iniciativa da elaboração de um projeto de reforma de instrução primária, que preconizava o ensino da língua tétum nas escolas, como pode-se notar no prefácio da cartilha elaborada para este fim:

considerando portanto que só depois de preparação inicial de lêr e escrever a sua língua se deve ensinar a língua portuguesa e a sua escrita e leitura em cartilhas e exercícios apropriados em que as duas línguas apareçam simultaneamente representadas pelos menos caratêres convencionais. (Cabral, 1915, apud Laranjeira, 1917, p. II).

Para a elaboração desse projeto o governador contou com o trabalho do Pe. Manuel Mendes Laranjeira¹², que como conhecia bem a língua tétum, elaborou a *Cartilha-Tetum*, a qual chegou a ser implementada nas escolas. A proposta de ensino considerando o contexto multilíngue timorense e as dificuldades das crianças com o ensino apenas em português, foi determinada por meio da portaria Nº 452 de 15 de novembro de 1915 pelo governador Filomeno Cabral e seu objetivo era implementar, primeiramente o tétum para os alunos que tivessem esta como língua materna e só depois da proficiência na leitura e escrita nesse idioma, iniciar um ensino bilíngue tétum-português. Para as crianças que tivessem outras línguas como idioma materno, a orientação seria primeiramente elaborar cadernos auxiliares nessas outras línguas locais, depois ensiná-la juntamente com o tétum e só depois se introduziria o ensino da língua portuguesa:

Considerando que pouco a pouco com a preparação de tais matérias se tornará possível por cada dialecto timorense publicar a cartilha e exercícios tríplexes *Makassai-Tetun-Português; Bunac-Tétun-Português; Mambai-Tétun-Português*; etc. etc¹³.

¹² O Pe Laranjeira também teve sua formação no Colégio das Missões Ultramarinas de Sernache do Bonjardim. Há informação não oficial de que ele fazia parte também da Companhia de Jesus, mas diante de algumas contradições nos escritos pesquisados ainda não foi possível confirmar este dado.

¹³ *Op. cit.*

Esta proposta inovadora para época, foi executada por breve tempo, logo a cartilha foi retirada de circulação das escolas e conseqüentemente, a língua portuguesa voltou a ser o idioma exclusivo no processo de escolarização.

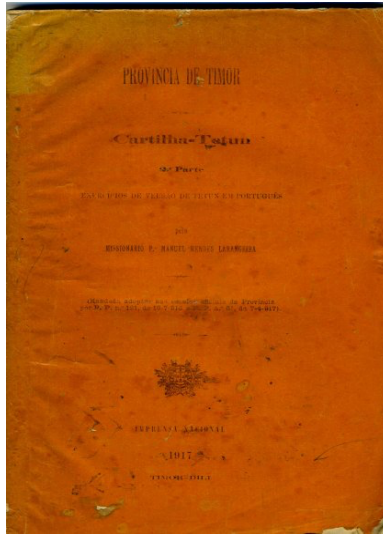


Figura 04: capa da Cartilha – Tetun, de 1917¹⁴.

Apesar das tentativas de mudanças educacionais durante o governo de Filomeno Cabral, após a saída dos Jesuítas do território timorenses, não houve grandes avanços na educação escolar. Até 1930 o Colégio de Soibada era a única instituição a possuir Ensino Secundário. Em 1936 foi criado, na mesma localidade, o Seminário Menor e somente em 1938 teve-se a tentativa de criar em Dili um Colégio-Liceu semioficial. Passaram-se poucos anos, essas duas instituições e várias escolas foram arruinadas durante a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu a ocupação japonesa em Timor-Leste (1942-1945),

¹⁴ Após esta tentativa do ensino do tétum, esse idioma só voltou a ser ensinado durante uma campanha de alfabetização organizada em 1974 por membros da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), a qual teve influência direta dos ensinamentos do educador Paulo Freire, mas que também teve que ser interrompida diversas vezes devido a ocupação indonésia. Apesar das dificuldades em realizar um processo de alfabetização em meio a um contexto de guerra, esta campanha teve também uma grande contribuição para o fortalecimento da língua tétum em todo o território timorense.

causando a morte de cerca de 80 mil timorenses. O Seminário foi reaberto em 1948 e reestabelecido em Dili em 1950, sendo transferido para Dare em 1951. Já o Colégio, foi reaberto em 1946 quando continuou a formar os que hoje pode ser considerada como a elite intelectual timorenses. Em 1952 foi oficialmente criado o Liceu. O Seminário foi organizado dois anos mais tarde em Dare e a fundação de uma Escola Técnica em Dili em 1965. Em 1972 foram fundadas em várias regiões do país escolas de “ciclos preparatório”, posteriormente (década de 60), foram construídas escolas militares em diversas regiões de todo o país (Tomaz, 2002; 2012).

Os Jesuítas retornaram ao Timor-Leste episodicamente em 1928, mas somente em 1958 voltam definitivamente, quando ficam responsáveis pelo Seminário de Dare. Nesse período a missão de Soibada já estava a cargo dos salesianos¹⁵, os quais em 1927 fundaram uma escola de artes e ofícios em Dili¹⁶ e dois anos depois a transferiram para Soibada. Apesar de várias iniciativas educacionais, tanto dos jesuítas quanto de outras ordens católicas, além das promovidas pelo governo, o acesso à escolarização continuava sendo restrito a uma pequena camada da população, pois a maioria das famílias, não tinham condições de manter seus filhos no Colégio, já que tinham que contribuir financeiramente. Na década de 70 os dados apontam para um índice de analfabetismo de 90,8% entre os maiores de 10 anos e de 90,2% entre os maiores de 20. Obviamente o senso avalia exclusivamente a questão da leitura e escrita, porém deve-se levar em consideração, que o contexto é de uma sociedade ágrafa ou semi-ágrafa, com uma forte tradição oral, sendo assim, conceitos de letramento, alfabetização e analfabetismo precisariam ser discutidos, considerando os aspectos culturais locais, o que não é objetivo deste trabalho, mas que posteriormente poderá ser aprofundado como continuidade de pesquisa. O que fica evidente, portanto, ao observar estes índices pode-se inferir que refletem muito mais a porcentagem de pessoas que não tiveram acesso à educação escolar até aquele período.

¹⁵Pode-se visualizar algumas imagens do Colégio na década de 50, por meio do link recuperado em 15 junho, 2017 de <https://www.youtube.com/watch?v=0CffR14fp0M>

¹⁶ Esta escola teve como diretor o Pe. Basílio de Sá, autor de *Textos em teto da literatura oral timorense* (1961) e de vários outros importantes escritos sobre Timor.

Com a invasão indonésia em 1975, a maioria dos estrangeiros deixaram o país, porém os jesuítas não saíram do território timorense e continuaram ensinando língua portuguesa no Colégio São José, o único estabelecimento a conseguir continuar com seus ensinamentos em língua portuguesa durante o domínio indonésio, período em que apenas a língua indonésia era permitida como língua de ensino. Alguns jesuítas ensinavam português clandestinamente em suas casas, como uma das estratégias de resistência contra a Indonésia, que ordenava à milícia a queimar bibliotecas inteiras, pelo fato dos livros serem em português. Durante este período foi esta a principal língua, em parceria com o tétum, utilizada na comunicação pela resistência timorense. Esse foi um dos motivos pelos quais a língua portuguesa passou a representar um dos elementos relacionados à independência, especialmente para a geração que lutou contra os indonésios.

Para os jovens universitários que durante os 24 anos estudaram em indonésio, o ensino universitário em língua portuguesa, constitui muitas vezes um desafio, considerando que têm que ler e produzir em um idioma que, até então, tiveram um acesso limitado, no entanto, a parceria com a língua tétum tem sido um aspecto facilitador nesse processo. Já para as crianças que após a independência estudam em tétum e em português, ainda é muito cedo para afirmar de que maneira o português está se configurando ou virá a se configurar em suas vidas. A política linguística em Timor-Leste continua sendo motivo de diversas discussões, especialmente depois do atual projeto em vigor, o qual prevê inicialmente, o ensino da língua materna em parceria com a língua tétum, enquanto que o ensino de língua portuguesa iniciará, somente na modalidade oral, nos primeiros dois anos, deixando apenas para o terceiro ano o início da modalidade escrita nesse idioma. O nível de leitura e escrita dessas crianças apontado nas avaliações nacionais é ainda extremamente baixo e as dificuldades no sistema educacional são bastante complexas, especialmente no que diz respeito às questões linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pôde-se evidenciar algumas das principais ações da Companhia de Jesus em Timor-Leste no período colonial¹⁷, especialmente no que diz respeito ao Colégio Soibada, onde grande parte dos professores universitários, governantes e escritores timorenses tiveram parte da sua educação escolar, além de outros profissionais que atuam em diversos setores do país.

Ao longo do texto fêz-se menção a alguns dos jesuítas que atuaram naquele contexto, bem como de seus principais registros escritos, porém é importante ressaltar que durante os anos da presença jesuítica em Timor-Leste, várias outras obras – em tétum e em outras línguas locais – aqui não referenciadas foram produzidas por esses missionários e constituem materiais relevantes sobre história, cultura, língua e literatura oral timorense. Sendo portanto, documentos fundamentais para se compreender a história da educação escolar timorense ao longo dos séculos e as contribuições dos jesuítas nesse processo. Foi possível refletir também a respeito do tipo de educação oferecida pelos jesuítas e das implicações resultantes das várias mudanças/imposições linguísticas estabelecidas durante este período.

As obras de autoria dos jesuítas citadas neste trabalho podem servir de importantes recursos para investigações relacionadas a qualquer uma dessas áreas mencionadas, porém são materiais raros de serem encontrados, inclusive em território timorense, devido às sucessivas guerras ao longo dos anos, pois como já mencionado, em diversos momentos teve grande parte dos seus acervos queimados. Apesar disso, alguns materiais já podem ser encontrados digitalizados ou em bibliotecas de universidades portuguesas.

O contexto educacional timorense vem passando por várias mudanças e melhorias pós-independência, contudo, a maioria das línguas locais continuam sem nenhum registro escrito, um outro aspecto que necessita bastante investimento está relacionado à publicação de material em tétum, considerando que é também língua de ensino e que pode contribuir no processo de entrada das crianças na leitura e escrita.

¹⁷ É importante ressaltar que os jesuítas continuam bem presentes na educação escolar timorenses e à frente de diversas instituições escolares.

REFERÊNCIAS

- Belo, C. X. (8/9/2010). Septuagésimo aniversário da Diocese de Díli, Timor-Leste. In: *Jornal de Opinião*. Recuperado em 21 junho, 2017 <http://opinioao.ecclesia.pt/2010/09/septuagesimo-aniversario-da-diocese-de.html>
- Boto, C. (1996). *A Escola do Homem Novo: Entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Editora Unesp.
- Dores, R. (1903). *Diccionario Chorographico de Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Dores, R. (1907). *Teto-Português*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Ferreira, M. F. (1908). *Resumo da História Sagrada, em Português e em Tétum: Para Uso das Crianças de Timor*.
- Ferreira, M. F. (1939). *Catecismo Bádac*. Macau.
- Figueiredo, F. A. (2004). *A presença portuguesa (1769-1945)*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, Portugal. Recuperado em 15 junho, 2017 de: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10864>.
- Instituto Nacional da Linguística, Universidade Nacional Timor Lorosa'e (2002). *Matadalan Ortográfico ba Tétun-Prasa*. 2a ed. Dili, Timor Leste.
- Laranjeira, M. M. (1917). *Cartilha-Tetum*. Dili, Timor Leste: Imprensa Nacional.
- Mattoso, J. (2012). *A dignidade de Konis Santana e a Resistência Timorense*. Lisboa: Temas e Debates.
- Petitot, A. (1994). *Produção da Escola, Produção da Sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rousseau, J. J. (1973 [1730]). *Discurso sobre as ciências e as artes*. Trad. L. S. Machado. São Paulo: Abril Cultural.
- Sá, A. B. (1955). *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, Insulíndia*, (2º vol, p. 345) (1550-1562), Agência Geral do Ultramar, Recuperado em 15 junho, 2017 de <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/DHMPPO/AGC-DHMPPO-InsulindiaV02&p=378>.
- Teixeira, M. (1974). *Macau e sua Diocese*, vol. X, As Missões de Timor.

Thomaz, L. F. (2002). *Babel Loro Sa'e: O Problema Linguístico de Timor-Leste*. (2a ed.) Instituto Camões.

Thomaz, L. F. (2012). *País dos Belos: achegas para a compreensão de Timor-Leste*. Macau: Instituto Português do Oriente - Fundação Oriente.

Silva, S. M. A. (1885). *Catecismo da Doutrina Cristã em Tétum*. Macau: Tipografia do Seminário.

Silva, S. M. A. (1889). *Dicionário Português-Tétum*. Macau: Tipografia do Seminário.

Silva, S. M. A. (1929). "*Missão De Timor*", Portugal Missionário.

Direitos Autorais (c) 2017 Márcia V. Cavalcante



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)